

Crimes de sangue

Vermelho também é cor de sangue. E quando este nos salta à vista causa-nos sempre alguma estranheza, especialmente se associado a casos reais como estes, que são de arrepiar...

TEXTO DE ANABELA NATÁRIO ILUSTRAÇÕES DE JOÃO MARTINS/WHO

O feirante estripador

A mulher, acabada de entrar na taberna-mercearia lisboeta, viu uma poça vermelha no chão, junto a uma mala, e, parecendo-lhe sangue, chamou a atenção do taberneiro que logo resolveu pôr serradura no molhado e interrogar o cliente sobre o seu modo de vida. Ao balcão, o dono da bagagem, atrapalhado, respondeu que se dedicava aos negócios, engoliu o resto da laranja e saiu porta fora com a mala às costas, pingando.

José Borrego, de 43 anos, nesta altura feirante, tinha feito uma paragem em Moscavide, dera-lhe a sede a caminho da lixeira municipal. Quando saiu da taberna, ao ver um polícia, desviou-se desse rumo, se-

guiu em direção à via férrea e entrou num caminho ao longo do rio, encontrando um sítio ermo, lamento, onde **resolveu parar, abrir a mala e despejar o saco em que guardara as pernas, os braços e a cabeça da sua última vítima.**

Regressado a Paço de Arcos, adormeceu pensando no que fazer ao tronco do dono e companheiro de barraca, a quem horas antes apertara o pescoço, degolara com uma serra, desfizera a cara e os olhos com uma pedra... Na tarde seguinte, lembrando-se de um poço em Setúbal, numa quinta semiabandonada por onde já andara, pegou outra vez na mala, apanhou o comboio, o barco, a camioneta e lá foi depositar outro saco com o resto do cadáver.

Na volta, deixou a mala num cacifo da estação do Cais do Sodré. E,

pelas duas da manhã, chegou de novo à barraca, onde vivia quando não andava pelo país a vender roupa. À porta, esperavam-no dois agentes da Polícia Judiciária. Uma jovem tinha dado com o saco na lixeira da Matinha e a polícia conseguira identificar a vítima através do exame científico do achado, ficando desconfiados de que outro homem, encontrado um mês antes na margem sul do Tejo, nu, degolado e com a cara desfeita, tivesse sido assassinado pelo mesmo indivíduo. Horas mais tarde, a PJ levou este homem de 1,75m, moreno de olhos verdes e cara de bonacheirão, a reconstituir o crime, na presença de alguns jornalistas. “No interior do barracão, a primeira coisa que fere a atenção dos investigadores é a cor avermelhada da terra batida que serve de chão”, conta o “Diário



de Lisboa”, de dia 18 de novembro de 1970, depois de explicar que já estavam todos impressionados com a série de animais esquartejados que se encontraram cá fora. Quando lhe perguntaram se aquilo na terra era sangue, José Borrego respondeu: “Sangue daquele que já lá está”. Mas quando o questionaram sobre as razões do ato, encolheu os ombros. Com o decorrer das investigações, concluiu-se que matara, pelo menos, mais três pessoas, sem razão aparente. O feirante que antes fora pastor, amola-te-souras, trabalhador da construção civil, era um sanguinário, de uma frieza que até aos polícias surpreendeu. Embora preferisse a companhia de homens, dizia que odiava homossexuais, mas que não era isso



Em cada pessoa que assassinava, José Borrego repetia a vontade de matar o patrão que tivera em criança

que o levava a matar, simplesmente acontecia. E que só lhes desfazia o rosto para evitar que “pusessem a foto nos jornais”. Em cada pessoa que assassinava, José Borrego repetia a vontade de matar o patrão que tivera em criança e que um dia, por ter perdido uma cabra do rebanho, lhe deu uma surra (e talvez tenha abusado dele também) deixando-o dois dias sem se poder mexer. “Remordi na cabeça uma vingança que não podia executar. À noite via nos sonhos a cara do meu patrão, que eu esmagava com uma pedra”, disse a Artur Varatojo, autor do livro “O Caso Borrego, o 1º Estripador Português”.

O homem que será o único criminoso português a preencher as características de um assassino em série nasceu em Aranhas, Penamacor, e foi abandonado pelos pais ainda criança, passando a viver na serra, no meio dos pastores e dos rebanhos. “Eu nunca tive infância, nem brinquedos, nem soube o que eram brincadeiras de rapaz. Fui logo homem. Na tropa, comi pela primeira vez bacalhau com batatas. Gostei tanto que desertei e também não voltei a ser pastor. Quis continuar a comer bacalhau com todos pela vida fora sempre que me apetecesse...”, contou a Varatojo quando este o visitou na cadeia. E foi levando-o a almoçar bacalhau, num restaurante perto da sede da PJ, que os agentes conseguiram saber mais pormenores, mas não que confessasse outros crimes. Horas depois, Borrego escrevia ao diretor da Judiciária: “Sr. Diretor, serviram-me hoje uma refeição de tão bem aviada que não a terminei. O azeite no entanto era pouco. Longe de mim pensar que ele vai para casa de V. Exa.”.

No dia 14 de novembro de 1971, pelas 22h, José Domingos Borrego enforcou-se na sua cela da Penitenciária de Lisboa. Tinha sido condenado a 30 anos de prisão pelos dois homicídios.

O caso de Serrazes

Ouvem-se quatro tiros. Eugénia Malafaia tenta desesperadamente levantar o ferrolho da porta do escritório. Quando consegue abri-la já o irmão caminha direito a ela, agarrado ao corpo ensanguentado. Augusto tenta tapar com as mãos os buracos deixados pelas balas, cambaleia, a irmã ampara-o. O sangue encharca-lhe o pijama, antes espalhara-se pelo chão numas manchas que a mãe, Maria do Céu, nunca deixará limpar para que ninguém jamais se esqueça de que o filho foi ali assassinado no dia 26 de julho de 1917.

As balas acertaram em cheio. Fernando Novais, de 17 anos, primo da vítima, e o seu futuro cunhado, José de Betencourt, de 23, dispararam à queima-roupa dois tiros cada um, quase em simultâneo. E fugiram porta fora, tentando alcançar um automóvel que os esperava na estrada, mas os trabalhadores da quinta conseguiram apanhá-los ainda com as pistolas nas mãos. Os dois jovens tinham entrado sem levantar suspeitas, dito que queriam conversar com Augusto, a sós, e ido com este para o escritório, iniciando ali uma discussão com uma série de acusações negadas pelo dono da casa. Tudo porque a noiva de Betencourt, irmã de Novais, lhe teria dito: “Ó José, eu vou casar contigo, mas antes quero declarar-te que o Augusto Malafaia me fazia namoro em Lisboa, e até na véspera do dia em que viemos de Lisboa me pôs, no teatro, a mão sobre o ombro, apertando-mo fortemente, e, no teatro, me fez festinhas na cara”.

O assassinio do licenciado Augusto Teles de Malafaia, considerado um gentil-homem, na sua casa de Serrazes, S. Pedro do Sul, deu que falar





durante anos. Ao fim de cinco, os acusados foram pela segunda vez a julgamento e os hotéis de Coimbra, “habitualmente silenciosos e vagamente povoados, movimentam-se e animam-se. Chegam jornalistas, testemunhas de todas as categorias sociais e interessadas como há anos já em fazer prevalecer as suas exposições”, conta “A Capital” de 7 de março de 1922.

Não havia dúvidas quanto à autoria do crime, no entanto sentia-se uma simpatia generalizada para com os réus, especialmente vinda dos jornais. Talvez porque um deles pertencia a uma poderosa família açoriana, era sobrinho de um conselheiro, antigo ministro e par do reino, fundador do Partido Nacionalista, e tinha por advogado o ministro dos Negócios Estrangeiros. Barbosa de Magalhães pedira ao Governo uma licença temporária, que obteve, embora tenha enfurecido o Parlamento, alegando não poder deixar o caso depois de ter sido ele a defender o jovem Bettencourt da primeira vez, em 1919. A defesa, abandonando a ideia de inocência que advogara em



Fernando e José dispararam à queima-roupa dois tiros cada um. As balas acertaram em cheio

primeiro lugar, dirá que “os réus, no estado de exaltação em que se encontravam, nem se lembram de como praticaram o crime”, tentando dar ao ato criminoso uma justificação passional. Todavia, embora não provada em tribunal, outra explicação foi aventada: a fortuna que os Novais pensavam um dia receber por parte de um familiar comum que se zangara com os herdeiros diretos, os Malafaia. “De repente, contra toda a expectativa, o tio Bernardo faz as pazes com os seus sobrinhos direitos. Fazem-se as escrituras (poucos dias antes do crime) e os bens que Betencourt já se habituara a considerar como seus fogem-lhe”, conta num livro publicado em 1921 o próprio Bernardo Teles de Malafaia.

Os advogados de acusação acreditavam que a imprensa fora paga como acontecera dois anos antes, baseando-se numa sindicância que apurara terem os acusados gasto mais de sete mil escudos com os jornais. E o seu alvo dirigia-se especialmente a “O Século”, em particular a Virgínia Quaresma, uma das primeiras jornalistas portuguesas. No tribunal, dispararam em todas as direções e saem vitoriosos à falta de provas da defesa que tentou diversos caminhos, entre estes acusar Fernando Novais, menor na altura do crime, dizendo-o movido em desagravo da honra da irmã. Por duas vezes, Betencourt e Novais foram considerados culpados de homicídio voluntário. Do segundo julgamento, porém, saiu uma sentença mais benevolente: o noivo foi condenado a quatro anos de prisão, seguida de 8 anos de degredo, o futuro cunhado a três anos de prisão ou, em alternativa, quatro anos e meio de degredo nas colónias.

“Maria, não me mates que sou tua mãe!”

Já não aguentava mais, a mãe caminhando para o estado de demência impedia-lhe a vida, dirá Maria José. Tinha quase 30 anos e nem namorar podia, à vontade, sem que Matilde do Rosário da Luz desatasse aos gritos que alguém a queria matar, por isso foi queixar-se ao regedor da freguesia de Santa Engrácia, pedindo-lhe que internasse a progenitora no hospital. Mas este não lhe respondeu a contento, disse-lhe que havia de lá ir a casa e depois logo via...

Apressada em resolver o assunto ou tendo tudo planeado, a queixa inclusive, voltou para casa e atacou a mãe à facada, ferindo-a no peito e no pescoço. Esperou que desse o último suspiro para lhe arrancar a cabeça com uma machadinha. Com a mesma faca com que a matara, cortou-lhe as orelhas, o nariz e os lábios, golpeou-lhe o rosto e, no fim, queimou-lhe o cabelo. Daí, passou às pernas e mãos, para as separar do corpo. Durante o julgamento, um dos mais concorridos do tribunal da Boa-Hora, em Lisboa, realizado cerca de dois meses após o sucedido, esta vendedora de capachos e outros artigos feitos de caules de esparto, baixa mas entroncada, morena de olhos negros e rosto alongado, dirá que esquartejou a mãe para mais facilmente levar o corpo para fora de casa, porque inteiro pesava muito. Noite dentro, vestiu o capote, agarrou no tronco e foi pô-lo não muito longe da casa onde ambas viviam. Escolheu as obras de Santa Engrácia talvez por acreditar que se os trabalhos na igreja, hoje parte do Panteão Nacional, não evoluíam desde 1682 também não seria naquele ano que lhe pegariam. De seguida, voltou à Travessa das Freiras para ir buscar as restantes par-

tes do cadáver e, andando em sentido contrário, foi depositá-las junto ao palácio do marquês de Loulé, na Travessa das Mónicas, onde o antigo convento dera lugar a uma casa de correção para jovens que, no século XX, seria transformada numa cadeia para mulheres.

No dia seguinte, foi ter de novo com António Ferreira do Sul para lhe dizer que a mãe apresentava melhoras, que já não carecia de internamento. Pouco depois, juntou-se ao grupo de curiosos que andava entre as Mónicas e Santa Engrácia tentando saber pormenores sobre uma descoberta macabra. O regedor, vendo a rapariga, desconfiou e resolveu interrogá-la sobre Matilde. Desta feita, Maria José respondeu que ela partira não sabia para onde.

O regedor mandou o cabo da segurança do bairro ir a casa da suspeita. O homem viu no quintal roupa manchada de sangue a secar, o



Maria José esperou que a mãe desse o último suspiro para lhe arrancar a cabeça com uma machadinha





suficiente para lá voltar acompanhado e efetuar uma busca. Mal entraram, viram manchas de sangue no chão em redor da cama onde dormiam mãe e filha, encontraram roupas, a machadinha e duas facas de sapateiro ensanguentadas. E quando já vinham de saída, o cabo Joaquim José Gomes tropeçou num ladrilho...

Começando a escavar o chão da cozinha, primeiro encontrou uma orelha, depois a cabeça de Matilde do Rosário, viúva há alguns anos e mãe de outra filha que não vivia com ela. Perguntaram à rapariga se sabia a quem pertencia, esta respondeu que era da mãe e pôs-se a comer melancia com pão. Segundo os autos, Maria José assumiu o crime no início do julgamento, mas já no final sustentará (fora, aliás, a sua primeira versão) que a autoria pertence a um tal José Maria, vendedor de fruta, que andava a namorá-la, a ela e ao pé de meia da mãe, mas do qual não sabia mais nada. Era quase meia-noite de 5 de novembro, quando o juiz acabou de ler a sentença. Maria José foi condenada “a sofrer morte natural para sempre na forca, que se há-de levantar no Campo de Santa Clara, passando por aqueles lugares onde foi pôr os pedaços do corpo de sua mãe. Aqui tendes, ó povos, o maior crime que viu o mundo, praticado em Lisboa no ano de 1848”, como rematou Camilo Castelo Branco, na altura um jovem de 23 anos à procura de ganhar umas coroas, a sua versão da história que intitulou “Maria, não me mates que sou tua mãe!” e publicou no ano seguinte sob anonimato, em forma de literatura de cordel. ■

anatario@expresso.impresa.pt